

COLOQUIOS
DOS
SIMPLES E DROGAS
DA INDIA

POR
GARCIA DA ORTA

EDIÇÃO PUBLICADA

POR DELIBERAÇÃO DA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

DIRIGIDA E ANNOTADA

PELO
CONDE DE FICALHO

Socio effectivo da mesma academia

VOLUME II

LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1895

ORTA

Si; mas sam os boticairos portuguezes pouco deligentes em aver mézinhas, e muito em aver dinheiro; porque se elles a pedisem em Portugal na Caza da India, levalaiam de cá em abundancia.

RUANO

Asi que, não se achando o nosso *licio*, vós afirmaes que aproveitará estoutro *indio*; e não oulhaes que se chama *licio*, porque ha o melhor em Licia e Capadocia, que parece que este se deve perferir a todos.

ORTA

Eu nam digo que se deite em lugar o *licio indiano* do *licio de Licia*, mas diguo que, quando falecer o da India, se deite o de Licia, porque esta he a entençam de todos os escritores; e que, quando elle faltar, que usem do feyto de berberis e de madresilva, ou de amexas bravas estiticas. E ao que dizeis, que se chama *licio* por excellencia por ser de Licia, digo que não he asi com perdam de vossa merce, senão porque ahy se achou o uso delle primeiro, scilicet, achouse o uso desta mézinha, que se parecia com o da India, e que por falta e defeito do da India se avia de deitar: e esta he a verdade, e outra não; porque em nenhuma regiam se usa deste *cate* tanto, como nesta terra (2).

RUANO

Levaloei desta terra, e usarei delle, pois que cá fez os efeitos que dizeis; e mais será bem que me digaes se ha nesta terra muytos odres de camellos e de rinocerotes, como diz Plinio, que nelles o levam, pera vermos a cantidade delles por o seu coiro.

ORTA

Eu não vi odres de camellos desta terra; posto que no Decam e em o Guzarate ha alguns camellos, que tem os reys e os capitães pera levar o fato na guerra; mas nem sam tantos os que morrem como cavallo, pera que delles façam odres. E quanto he aos rinocerotes (a que os Indios

chamam *gandas*), não os ha domesticos nesta terra; e pode ser que os aja bravos em Bengala ou no Patane, e nas terras que tem os Patanes os ha, e alguns fazem domesticos. E porem eu não vi algum rinocerote, mas sey que os de Bengala usam do corno para a peçonha, cuidando ser o unicorneo; mas elle não o he, segundo a entença dos que bem o sabem; porque o Nizamoxa pesára 200 vezes a ouro hum pouco de unicorneo experimentado, e muyto melhor tomára o do renoceros*. E sabei que no anno de 1512 foi apresentado a elrey Dom Manoel, que está em gloria, hum que lhe mandou elrey de Cambaia, o qual elle mandou ao Papa. E se deste animal quiserdes ver, lêde Plinio, libro 8, cap. 20**; e Estrabo tambem fala deste animal.

RUANO

Pareceme isso que dizeis que não ha unicorneo na India; pois nam falais nelle, e dizeis que o não tem esse rey vosso amigo, sinal he isso de o não aver na India; e pois nós tambem não sabemos onde aja o tal animal.

ORTA

Dizem tantas cousas incertas dêsse animal, que, por nam as saber bem, não as queria contar; porque as pessoas que mas contam, não as contam como testemunhas de vista. E comtudo vos direi o que ouvi a pessoa de autoridade em seus ditos. E contaramme, que soubera que entre o cabo das Correntes e de Boa Esperança viam huns animaes que, posto que folgavam com o mar, eram terrestres, e a feiçam da cabeça e cóma era de cavallo, e que comtudo não era cavallo marinho; e que tinha corno do qual usava abaxandoo ou alçandoo abaxo e acima, e á parte direita e á esquerda, de modo que dizem ser como dedo; e que este animal pe-

* O sentido não é claro; parece dizer que compraria o corno do rhinoceronte, se julgasse ser unicorneo.

** Plinius, libr. 8, cap. 20 (nota do auctor).

leja bravamente com o elefante; e que o fere com o corno, o qual corno he de dous palmos, e dizem ser contra a peçonha: e esta he a fama comum.

RUANO

Dizem delle, que não querem beber os animaes, até que elle meta o corno na agoa.

ORTA

Não somente dizem ser bom bebido contra a peçonha, e tem elle esta fama, e disseram pessoas dignas de fé que deram *rosalgar* a dous cães, e a hum deram dobrada quantidade da peçonha, e a este que a deram dobrada, deram a beber do corno delle raspado, e este viveo; e o outro morreo, que tomou menos *rosalgar* a metade. E deste animal não sey outras cousas, e porém vi já alguns cornos destes, e mostravam serem pegados na testa. Prezará a Deos que isto se venha a saber bem; e que elle descubra o que for mais seu servico; e nisto que escrevi quis ser mais curto que largo, porque leixo que dizer aos que melhor souberem (3).

NOTA (1)

O «cate» de Orta, «cato» da *Pharmacopêa portugueza*, substancia mais conhecida pelo nome de *catechu*, é um extracto da madeira da **Acacia Catechu**, Willd. (*Mimosa Catechu*, Linn. fil.), uma arvore bastante commum na India, mais a leste nas terras de Burmá, e por outro lado na Africa oriental; é tambem obtido este extracto de uma especie proxima, **Acacia Suma**, Kurz., que se encontra igualmente na India.

— «Cate», a designação empregada por Orta, é a natural orthographia portugueza do seu nome hindustani, que hoje escrevem *kat* ou *kath*. Drury diz, que a palavra *cate* significa arvore, e *chu* succo, d'onde *catechu*; mas não sei se esta affirmacão tem fundamento. Duarte Barbosa — como logo veremos — dá á mesma substancia o nome de *cacho*, que é a designação tamil, canarim (lingua do Canará) e malaya, *kashú*, ou *kachú*; e «cato», empregado em Malaca segundo Orta, é uma simples alteracão de *cate*, ou de *cacho*.

—Não vejo que o nome da arvore seja «hac chic», como diz Orta; nem encontro cousa parecida com esta expressão. O nome vulgar da *Acacia Catechu* é *kaira*, *kayer* e outras fórmias semelhantes (Cf. Flück. e Hanb., *Pharmac.*, 213; Dymock, *Mat. med.*, 283; Ainslie, *Mat. Ind.*, 1, 63; Drury, *Useful plants*, 6; Piddington, *Index*, 56).

Segundo Duarte Barbosa, o *cacho* exportava-se no seu tempo principalmente do norte da India, e não era uma substancia muito conhecida. Fallando das mercadorias do reino de Guzerate, ou Cambaya, diz o seguinte:

«... e asy outras muytas dragoarias que nós nom conhecemos, e em Malaca e China saom muyto estimadas, e tem grande valia, silicet, *cacho*, *pucho*¹, e muyto encenso que vem de Xaer.»

Isto concorda com o que diz Orta ácerca da sua procedencia de Cambaya, principalmente das terras portuguezas de Damão, Baçaim e Manorá—uma *pragana* annexa ás terras de Baçaim, desde o tempo de Francisco Barreto, ou já antes. E tambem concorda no que diz respeito a ser exportada para Malaca e China, sendo tambem certo, que algum *cate* ia para a Arabia e Persia, por via de Hormuz, onde era uma mercadoria conhecida. É o que se póde deduzir de uma phrase do *Lyvro dos pesos*, interessante, porque estabelece explicitamente a identificação do *cacho* com o *cate*:

«O baar do cate, que aquy chamão *cacho*, he em tudo como o arroz, quanto ao peso.»

Parece, pois, que então não sabiam fabricar o *catechu* em Pegú e terras limitrophes, d'onde hoje vem para a Europa a maior parte, porque se assim succedesse de certo não iria de Cambaya para Malaca.

Depois d'estas noticias de Barbosa e de Orta, a droga e as suas qualidades medicinaes caíram de novo no esquecimento; e quando perto de um seculo mais tarde algum *catechu* veio do Japão á Europa, deram-lhe o nome de *terra japonica*, classificando-o como um *genus terræ exoticæ*. Ainda no anno de 1671, Wedel de Iena discutia a diversidade das opiniões que vogavam ácerca da natureza vegetal ou mineral do *Catechu seu Terra japonica*, tão esquecido ou ignorado andava o que o nosso naturalista havia dito a respeito de sua proveniencia e processo de fabricação.

Este processo não differia essencialmente do que hoje se segue; e o *cate* ou *catechu* era e é o extracto aquoso da madeira da *Acacia*, concentrado pela acção do calor, e secco ao sol ou ao ar, depois de moldado em fórmias. Nos livros de Dymock, e de Flückiger e Hanbury se podem ver as variantes do processo, que hoje seguem no Oriente.

¹ Por erro de imprensa ou copia, vem na edição da Academia escripto *cachopucho*, em uma só palavra.

O que era especial no tempo de Orta era a intervenção da farinha de *nachani*, que misturavam com o succo inspissado para formarem os trociscos ou «chans».

O *nachani* é uma graminea de grão alimentar, **Eleusine Coracana**, Gäertn., chamada na India *raggi*, *nagli* e *nanchni*, muito frequente hoje em cultura na Africa oriental, onde os portuguezes lhe dão o nomê de *naxenim*, frequente tambem na Africa occidental, onde lhe chamam *luco*, e de cujas curiosas migrações eu já me occupi largamente em outro trabalho.

Voltando, porém, ao *cate*, podemos notar que ainda hoje é empregado na materia medica da Europa, como uma substancia fortemente adstringente; e que na India tem usos medicinaes semelhantes aos que Orta menciona. Alem d'isso, é largamente usado no Oriente como masticatorio, juntamente com o *pân supári* (*pân* o *betle*, e *supári* a *areca*)—exactamente a receita da cosinheira do nosso medico.

(Cf. Duarte Barbosa, *Livro*, 289; *Livro dos pesos*, 22; Flück. e Hanb. l. c.; Dymock, l. c.; *Plantas uteis da Africa portugueza*, 41 a 55).

NOTA (2)

Orta engana-se identificando o *lycio* com o *lycio* dos antigos; mas, como diz sir H. Yule a proposito d'esta mesma questão, as suas opiniões são sempre dignas de consideração—*Orta, whose judgements are always worthy of respect...*

Toda a historia do *lycio* estava no seu tempo muito confusa. Dioscorides, ao tratar do *λύκιον*, referiu-se evidentemente a duas plantas diversas, e que elle soube muito bem serem diversas: uma das regiões mais proximas, da Cappadocia e da Lycia, e que modernamente se tem identificado com uma especie de *Rhamnus*: a outra de regiões mais distantes, dando um producto muito superior, e designada pelo nome de *lycio da India*, *Ἰνδικόν λύκιον*. D'esta, que unicamente nos interessa agora, pois a ella se refere Orta, fallaram mais ou menos confusamente Plínio, Galeno, Celso e outros; e sabemos que dava uma substancia muito apreciada medicinalmente, sobretudo no tratamento das opthalmias e outras doenças de olhos, vendida por altos preços, e conservada em uns vasos especiaes, de que a *Pharmacographia* transcreve uma noticia interessante. Os arabes antigos tiveram tambem conhecimento da mesma substancia, a que parece chamaram *hadhadh* *حاضض* (o «*hacdadh*» de Orta), dizendo Avicenna que era o succo do *alfeluzaharagi* («*feluzalange*» de Orta), o que pouco esclarecia a questão. Naturalmente todos os commentadores, todos os Musas, Sepulvedas e outros se lançaram em conjecturas mais ou menos plausiveis ácerca da natureza do *lycio*; e Orta aventou a opinião de que

fosse o *cate*, o que não era absurdo, pois o *lycio* como o *cate* era o extracto de uma madeira, e se os caracteres da *Acacia catechu* não concordavam com o que Dioscorides havia dito da arvore do *lycio*, Orta sabia muito bem que elle se tinha enganado mais de uma vez em pontos identicos. A questão continuou a ficar enredada; e Sprengel, quando já no nosso seculo publicou a sua edição de Dioscorides, ainda não se pronuncia sobre o que seja o *lycio* da India. Foi só um pouco depois, que Royle (1833) mostrou dever ser o *lycio* dos antigos analogo ou identico a um extracto, conhecido nos bazares da India pelo nome de *rusot*, e obtido de varias especies do genero *Berberis*, *B. aristata*, D. C., *B. Lycium*, Royle, e *B. asiatica*, Roxb. (Cf. Yule e Burnell, *Gloss.*, 133; Sprengel, *Diosc.*, livr. 1, cap. 132; Avicenna, II, II, 398; Royle em *Linn. Trans.*, XVII, 83; *Pharmac.*, 34; Dymock, *Mat. med.*, 35).

NOTA (3)

Nas notas ao *Coloquio vigesimo primeiro* contámos já (vol. I, pag. 320) a historia do rhinoceronte, que Muzaffar Scháh mandou a Affonso de Albuquerque, Affonso de Albuquerque a D. Manuel, e D. Manuel a Leão X; mas alguma cousa temos a acrescentar sobre o que Orta diz em geral de rhinocerontes e unicornes.

O nosso escriptor admite a existencia de rhinocerontes no Bengala, «nas terras que tem os Patanes» — expressão pela qual deve designar os estados afghans da India—, e no «Patane», que seria assim o Afghanistan propriamente dito. Em toda esta zona de leste eram numerosos aquelles animaes —*Rhinoceros indicus*, e talvez tambem a especie *R. sondaicus*—, que já então se não encontravam ou se encontravam excepcionalmente na zona occidental. Linschoten diz: *India abadam sive rhinocerota non habet, verum in Bengala et Patana reperitur*—por India designa a parte mais conhecida, ao longo da costa de oeste.

Orta diz tambem, que «alguns fazem domesticos»; e esta questão dos rhinocerontes domesticos é um tanto complicada. Gaspar Corrêa, descrevendo uma grande batalha entre Báber e um certo rei da India, chamado Cacandar, batalha que Yule e Burnell dizem não terem podido averiguar qual fosse, mas que é talvez a de Panipát, confusamente envolvida em muitas circumstancias erradas, diz assim, fallando do modo por que estavam ordenadas as forças de Cacandar:

«... e diante huma batalha de oitocentos alifantes, que pelejavão com espadas nos dentes e em cima castellos com frecheiros e espingardeiros. E diante dos alifantes oitenta gandas, como huma que foy a Portugal, a que chamarão bichá, que no corno que tem sobre o focinho tinhão ferros de tres pontas com que pelejavão mui fortemente.»

Diremos desde já, que na relação da batalha de Panipát, dada pelo historiador Erskine, o qual segue as Memorias escriptas pelo proprio Báber, se mencionam os oitocentos ou mil elephantes, mas se não diz uma palavra dos rhinocerontes.

A noticia de Gaspar Corrêa, por mais estranha que seja, não é isolada. Fernão Mendes Pinto, fallando de um lago de Chiammay na Indo-China a que já nos referimos em outra nota, affirma que d'ali se tiravam muitos minerios, os quaes «levam mercadores em cafilas de alifantes e badas aos reinos de Sornau, que é o de Sião, Passiloco...» Aqui temos as *badas* —outro nome dos rhinocerontes—, domesticadas e empregadas nos transportes. E o mesmo Fernão Mendes Pinto, dando a relação de um enorme exercito tartaro, que invadiu a China, diz «... donde partiram com oitenta mil badas, em que vinha o mantimento e toda a bagage». Yule e Burnell, transcrevendo as tres passagens citadas, não contestam a sua veracidade, e contentam-se com lhes pôr um ponto de admiração. Effectivamente, a ausencia de outras noticias, e tudo quanto sabemos do character desconfiado, violento e pouco intelligente do animal, levam-nos a acreditar, que os nossos escriptores foram mal informados. Gaspar Corrêa é habitualmente veridico; mas tratava n'este caso de factos succedidos no interior da India, de que recebeu noticias indirectas e confusas; e Fernão Mendes Pinto, sem merecer a reputação que teve durante muito tempo, era um tanto dado a aceitar, e mesmo a ampliar levianamente, as informações colhidas aqui ou ali. A phrase de Orta é mais aceitavel, e um ou outro rhinoceronte podia chegar a um certo grau de domesticidade (Linsch., *Navig.*, 56; Gaspar Corrêa, *Lendas*, III, 573; Erskine, *Hist. of Báber*, I, 434; Fernão Mendes Pinto, *Peregrin.*, cap. 41 e cap. 107; Yule e Burnell, *Gloss.*, I e 799).

Ácerca de *unicorneos* é o nosso Orta muito prudente, dando-nos as suas noticias sob todas as reservas. No que lhe disseram da costa de Africa, deve ir envolvido o hippopotamo —posto que elle diga não se tratar do cavallo marinho— com os rhinocerontes africanos, que então deviam ser muito frequentes ao longo d'aquella costa.